

O LABIRINTO DO SENTIDO

EM “NA ARCA”, DE MACHADO DE ASSIS

José Américo Miranda
Universidade Federal de Minas Gerais

Gilson Santos
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: Este artigo analisa dois aspectos do texto “Na arca”, publicado em *Papéis avulsos* (1882) por Machado de Assis. A pontuação empregada para marcar o início dos diálogos no texto é examinada em suas relações com o comportamento dos personagens e com a significação da totalidade do texto. Em conexão com a pontuação, são também examinadas as imagens de animais e as escolhas lexicais a eles vinculadas para a caracterização dos personagens.

Palavras-chave: Literatura brasileira; conto; Machado de Assis; “Na arca”.

Este escrito – “Na arca” – de Machado de Assis foi publicado em *O Cruzeiro*, no dia 14 de maio de 1878, assinado com o pseudônimo Eleazar. Apenas uma semana antes, o autor havia publicado, com o mesmo pseudônimo, no mesmo periódico, “Antes da missa – conversa de duas damas”. Esses dois textos pertencem a um mesmo momento, e a um mesmo movimento, na evolução da prosa machadiana. John Gledson (2011, p. 11) chama atenção para os textos dessa época – os “últimos anos da década de 1870”. Segundo ele, em sua tentativa de compreender como o escritor chegou a *Papéis avulsos*, “há uma linha de especulação e de experimentação na ficção, também concentrada nos últimos anos da década de 1870, que conduz a *Papéis avulsos*, e que começa a contar a história do livro.”

A “conversa de duas damas”, intitulada “Antes da missa”, não entrou em *Papéis avulsos*, como, aliás, não entraram outros textos ficcionais muito interessantes – como “O bote de rapé”, “A sonâmbula – ópera cômica em sete colunas”, “Um cão de lata ao rabo”, “O califa de platina (conto árabe)”, “Filosofia de um par de botas” e “Elogio da vaidade” – todos originalmente publicados nas mesmas circunstâncias de “Na arca”.

I

“Na arca”: edição e percepção do texto

O que poderia ser simples peça humorística – paródia da Bíblia – acaba por ser uma intensa, vigorosa, extraordinária realização literária, obra de pensamento e sensibilidade. Como os textos sagrados, “Na arca” merece a máxima vigilância, semelhante à que os massoretas dedicavam à Bíblia hebraica. Nesse escrito machadiano, a exemplo do texto bíblico, exige minucioso desvelo a pontuação – o sentido não é ofício só das palavras, a pontuação também significa.

A importância deste aspecto – a pontuação –, na produção de sentido, não escapou à argúcia do padre Antônio Vieira, que escreveu no “Sermão da Terceira Domingo da Quaresma”, pregado na Capela Real, em 1655 (a citação é longa, mas Machado a merece, e “Na arca” também):

Perguntaram os controversistas, se assim como na Sagrada Escritura são de fé as palavras, serão também de fé os pontos e vírgulas? E respondem que sim; porque os pontos e vírgulas determinam o sentido das palavras; e variados pontos e vírgulas também o sentido se varia. Por isso antigamente havia um conselho chamado dos *Massoretas*, cujo ofício era conservar incorruptamente em sua pureza a pontuação da Escritura. Esta é a galantaria misteriosa daquele Texto dos Cânticos: *Murenulas aureas faciemus tibi, vermiculatas argento*. Diz o Esposo Divino que fará a sua Esposa umas arrecadas de ouro, esmaltadas de prata: e o esmalte (segundo se tira da raiz hebraica) era de pontos e vírgulas; porque em lugar de *Vermiculatas*: leem outros: *Punctatas; virgulatas argento*. Mas se as arrecadas eram de ouro por que eram os esmaltes de prata, e formados de pontos e vírgulas? Porque as arrecadas são ornamentos das orelhas onde está o sentido da fé: *Fides ex auditu*: e nas palavras de fé, ainda que os pontos e vírgulas pareçam de menos consideração (assim como a prata é de menos preço que o ouro) também pertencem à fé tanto como as mesmas palavras. As palavras, porque distinguem e determinam o sentido. Exemplo. *Surrexit: non est hic*. Ressuscitou; não está aqui. Com estas palavras diz o evangelista que Cristo ressuscitou: e com as mesmas (se se mudar a pontuação) pode dizer um herege, que Cristo não ressuscitou. *Surrexit? Non; est hic*. Ressuscitou? Não; está aqui. De maneira que só com trocar pontos e vírgulas, com as mesmas palavras se diz, que Cristo ressuscitou; e é fé: e com as mesmas se diz, que Cristo não ressuscitou; e é heresia. Vede quão arriscado ofício é o de uma pena na mão. Ofício, que, com mudar um ponto, ou uma vírgula, da heresia pode fazer fé, e da fé pode fazer heresia. Oh que escrupuloso ofício! (VIEIRA, 1959, t. III, p. 198-199)

Quando se edita um texto – e nós preparamos uma edição de “Na arca”¹ – a convivência com ele é muito próxima, e muito intensa. O confronto do texto de base com outras 10 edições – foi este o caso de “Na arca” – implica 11 leituras; e a diligente revisão do trabalho feito, outras 11. Nessas circunstâncias, uma série de pequenos detalhes, que mal chamam a atenção numa leitura corrente, saltam do esconderijo e do disfarce ao primeiro plano. Foi o que sucedeu à pontuação dos “três capítulos inéditos do Gênesis” – e não só à pontuação –, mas também ao tratamento dado a certas imagens e escolhas lexicais. Alguns de tais detalhes são aqui objeto de comentário.

Dos textos confrontados com o da primeira edição em livro, nos *Papéis avulsos*, apenas um é anterior a 1882. Este texto (publicado em *O Cruzeiro* em 14 de maio de 1878) serve-nos para avaliar principalmente duas coisas: se o escritor, para a publicação em livro, o corrigiu ou aperfeiçoou (ou fez qualquer outra alteração – e fez!); ou se os tipógrafos ou revisores introduziram alterações indesejáveis (voluntárias ou não). Lapsos tipográficos são frequentes, sempre acontecem; há uma máxima que diz que não há edições sem erros! Essas distinções, no campo das variantes textuais, nem sempre fáceis de serem feitas, devem ser apreciadas com o máximo de cautela, e eventuais intervenções ou escolhas do editor do texto devem ser feitas com a mão na consciência (sempre que possível justificadas em notas).

Os demais outros (dez) testemunhos servem a outros fins: se publicados em vida do autor poderiam ainda conter aperfeiçoamentos (“Na arca” teve uma publicação posterior ao livro, em 1889, no periódico *Vassourense*); se publicados postumamente, podem conter apenas “erros” (ou variantes) – mas variantes que nos contam uma história: a dos modos como o texto foi tratado na posteridade. Tais variantes, se por vezes são meros “erros”, equívocos de impressão, ocasionalmente são também “correções” de quem leu o texto com muita atenção (ao editá-lo), intervenções que, eventualmente, podem revelar o entendimento que dele tiveram ao longo do tempo.

Voltemos, porém, nossa atenção para o objeto do comentário: o texto, tal como se encontra na edição de 1882. Chama logo a atenção do leitor, em “Na arca”, a dupla sinalização dos diálogos: as falas dos personagens vêm precedidas de travessão e aspas. Diz a norma – norma do nosso tempo, é certo, mas já o senso de equilíbrio a fazia valer no tempo de Machado de Assis: “Não se devem aplicar simultaneamente [no discurso direto de personagem] o travessão inicial e aspas, o que, além de redundante para o destaque da fala, produz um efeito gráfico desagradável.” (ARAÚJO, 1986, p. 64)

Entre os usos do travessão, dois são aqui de interesse: eles se prestam para sinalizar o início do discurso direto de personagens, e para destacar algum trecho intercalado em determinada sequência frasal. Neste último emprego, os travessões podem ser comparados às vírgulas (e muitas vezes podem ser substituídos por elas) ou

¹ A edição que preparamos de “Na arca” pode ser encontrada neste número da *Machadiana Eletrônica*.

aos parênteses. Dessas três opções, diz-nos nossa própria intuição que os travessões destacam; as vírgulas mantêm a expressão intercalada no mesmo nível de importância, no mesmo registro tonal (digamos assim) do restante do período; e os parênteses tendem a pôr em surdina o trecho intercalado, como se o quisessem aproximar do silêncio, reduzir-lhe a importância.

As aspas, por sua vez, servem usualmente para dar realce a certa palavra ou trecho de discurso – além de servir, é claro, para isolar citações diretas de outros textos. Da ideia de citação passa-se facilmente à de fala de um personagem, que é sempre o discurso de um “outro”. A citação, como a fala de um personagem, vem (quase) sempre inserida num discurso que lhe é exterior; no caso da fala de um personagem, o discurso de um narrador.

É principalmente do uso combinado desses dois sinais – em “Na arca” – que trataremos em seguida. Há oscilações nesse uso: as aspas nem sempre acompanham o travessão. Essas oscilações, por sua vez, podem estar associadas, no plano da significação, ao tratamento dado às imagens e às escolhas lexicais do autor.

A regra geral, nos textos machadianos (contos e romances, principalmente), no tocante aos diálogos, é o emprego simples e discreto do travessão. É o quanto basta para sinalizar o início do discurso de personagem. Tal foi o sistema adotado em *Iaiá Garcia*, por exemplo, que saiu em folhetim, como “Na arca”, no mesmo periódico (*O Cruzeiro*) e no mesmo ano (1878).

Que necessidade haveria, “Na arca”, da dupla sinalização? De início, pensamos que fosse o uso no texto sagrado mais frequentado pelo autor. Fomos à Bíblia do padre Antônio Pereira de Figueiredo, de 1866, que Machado possuía em sua biblioteca. Ledo engano nosso: na Bíblia do padre Figueiredo a simplicidade é máxima – em seguida aos verbos *dicendi* há apenas dois-pontos; nem travessão, nem aspas, nem qualquer outro recurso gráfico sinaliza as falas.

Há mais concisão e economia na Bíblia. Nela, os versículos são numerados, sem qualquer pontuação depois dos números; no texto machadiano há ponto e travessão – nele, todos os versículos começam assim (apenas o versículo C,28 não traz o ponto-final, por lapso tipográfico, em *Papéis avulsos*, 1882). Outro lapso, em outra edição: em *O Cruzeiro*, o versículo A,13 vem assim: “23. –”²

Além de marcar o início do versículo, juntamente com o ponto que vem depois do número, o travessão, quando o versículo começa com a fala de um personagem, acumula outra função: a de marcar o início dessa fala. Nesse caso, portanto, ele acumula as duas funções – de marcar os dois inícios.

Veja-se, a título de exemplo, o versículo B,5:

² Os versículos indicados neste artigo vêm precedidos da letra maiúscula (A, B ou C) que indica o capítulo a que pertencem. Todas as citações feitas aqui são da edição que preparamos – ver nota 1.

4. – E Sem propôs a Japhet que compensasse os dez côvados perdidos, medindo outros tantos nos fundos da terra dele. Mas Japhet respondeu:

5. – “Por que me não mandas logo para os confins do mundo? Já te não contentas com quinhentos côvados; queres quinhentos e dez, e eu que fique com quatrocentos e noventa.

A fala de Japhet, que começa no versículo B,5, vem precedida de travessão. Esse sinal, entretanto, marca também, ao mesmo tempo, o início do próprio versículo – basta examinar o sinal no versículo anterior (B,4), para constatar a diferença entre os dois.

* * *

II Capítulo A

Ditas essas palavras, passemos ao texto de “Na arca” – capítulo A. A primeira fala de Noé ocorre já no primeiro versículo; ela como que estabelece o padrão a ser utilizado ao longo do texto – vem precedida por travessão e aspas, a já mencionada dupla sinalização, que marcará o início das falas ao longo do texto. O versículo A,2, por conter ainda a fala de Noé, traz aspas no início. Naquele tempo, toda citação trazia estas aspas (além das aspas iniciais), quando o texto citado era longo: ou em todas as linhas, ou em todos os inícios de novo parágrafo, ou em início de novo verso, ou em início de nova estrofe – como que para lembrar ao leitor que a citação (fala de outro) continua. No segundo versículo entretanto, no interior da fala de Noé, há outro discurso: é a fala do Senhor, que ordenou a construção da arca e prometeu nela salvar do dilúvio a Noé, aos seus, e a casais de todos os animais.

A distância de Noé a Deus é mínima: a pontuação, antes tão enfática, duplicada, agora não existe – “quando [o Senhor] me disse: Resolvi dar cabo de toda a carne; o mal domina a terra, quero fazer perecer os homens.” (A,2) A intimidade é grande, não há protocolos. Entre Noé e os outros homens, e entre estes, de uns a outros, há distância, há distinção; entre Noé e Deus, não. Quanto pode a pontuação de um texto! Ao final do versículo A,4, fecham-se as aspas; termina a fala de Noé a seus três filhos.

Tendo-se afastado Noé, conversam os filhos entre si. Até o versículo A,10 (inclusive), conversam eles “civilizadamente”, com as sinalizações duplicadas no início de cada fala; cada um é cada um, as individualidades estão dadas. A pontuação nesse trecho conforma-se ao padrão estabelecido no princípio do texto; mas as palavras trazem a semente do que está por acontecer. Na utopia envenenada de Japhet, com sua sede de propriedade, sua ambição, com a projeção de que “toda a terra será nossa” (A,7), avança a ideia de Sem – “podíamos viver em tendas separadas” (A,9).

Com toda a terra disponível, a imaginação proprietária dos irmãos termina por sonhar com propriedades bem delimitadas – tudo o que sobra de terra não lhes importa.

Japhet propõe que, ao descerem da arca, cada um demarque duzentos côvados de terra – e é neste ponto que dispara o gatilho da pontuação, que perde o travessão depois que Sem diz achar pouco os “duzentos côvados” propostos pelo irmão. Japhet tem sua impaciência manifestada pela pontuação: “Pois sejam quinhentos cada um” (A,11) – diz ele, numa espécie de aflição causada por seus próprios tormentos e frente à ambição de Sem. Já não há travessão antes de sua (de Japhet) fala.

E Sem não fica atrás de Japhet, feitos que são do mesmo barro, do mesmo sangue: “Mas o rio? a quem pertencerá a água do rio, a corrente?” (A,13) – indaga ele, revidando ao ímpeto de Japhet, aprofundando e fazendo avançar (em fala a que falta também o travessão) os motivos da desavença.

Esses rompantes discursivos, sinalizados pela ausência dos travessões, alternam-se com o retorno a uma postura convencionalmente (mais) equilibrada, com a retomada do emprego dos travessões nas falas seguintes.

O modo de marcar o início das falas nos diálogos – ora com travessão e aspas, ora só com aspas – varia ao longo do texto. Parece-nos que tal oscilação exerce uma função expressiva na narrativa; ela faz sentido. Por esse motivo, respeitamos em nossa edição³ todas as ocorrências dessa “irregularidade” de sinalização presentes no texto de base (1882). Há, entretanto, outras passagens em que a pontuação se apresenta com algum tipo de “problema” – circunstâncias em que cada caso foi submetido a exame crítico por parte dos editores. Em nossa interpretação, as ocorrências da oscilação assinalada – presença ou ausência do travessão no início das falas – formam um sistema de significação, o que não ocorre nos outros casos.

Vimos que a ausência de travessão ocorre pela primeira vez nos versículos A,11-14. Logo em seguida, no versículo A,17, ocorre um vocábulo – “bugiar” –, cujo sentido, “fazer macaquices”, guarda relação com o sistema de significação existente na pontuação. O sentido dessa escolha lexical se esclarecerá na sequência de nossa análise.

* * *

III Capítulo B

No segundo capítulo, aprofunda-se a discórdia entre os irmãos. Cham, que a tudo assistia e que desde o capítulo anterior tentava conciliá-los, propôs-se a chamar a mulher dos dois, mas ambos recusaram. (Sem era o filho mais velho de Noé, Cham o do meio, e Japhet o mais novo.) As falas de Cham, enquanto ele está junto aos irmãos, como pacificador, nos capítulos A e B, são sempre precedidas pela dupla pontuação. Isso mudará um pouco adiante, na presença do pai, ainda no segundo capítulo.

³ Ver nota 1.

À proposta de Sem, para que Japhet “compensasse os dez côvados perdidos [porque Sem afirmara que ficaria com ambas as margens do rio que lhes separava as terras], medindo outros tantos nos fundos da terra dele” (B,4), Japhet reage com uma resposta longa – ela se estende pelos versículos B,5-8 – que é ambígua do ponto de vista da pontuação. Começasse ela no interior do versículo, provavelmente viria sem o travessão; porém, como seu início coincide com o do versículo, o travessão que sinaliza todos os versículos serve a ambos os ofícios: o de sinalizar o versículo e o de iniciar a resposta de Japhet.

O fato é que a temperatura está aumentando, “Sem avançou para Japhet” – mas Cham se interpôs entre eles, “pondo uma das mãos no peito de cada um” (B,9). De algum modo, do ponto de vista filosófico-moral, o episódio chega a um ponto crucial, com o versículo seguinte: “10. – Enquanto o lobo e o cordeiro, que durante os dias do dilúvio, tinham vivido na mais doce concórdia, ouvindo o rumor das vozes, vieram espreitar a briga dos dous irmãos, e começaram a vigiar-se um ao outro.”

Aparecem aí, à margem da luta fratricida, dois espectadores muito especiais, o lobo e o cordeiro, símbolos do modo de convivência dos homens uns com os outros. Nessa posição, quase à metade da peça ficcional machadiana, esse versículo se alça à condição de suma da história humana. Deus estava descontente com a humanidade, por isso determinou o dilúvio, para extingui-la toda, com exceção de Noé e os seus – por haver sido ele reconhecido pelo Senhor como o único justo em sua geração.

Esse versículo sofreu relevante intervenção do autor, no processo de transmissão do texto publicado no periódico *O Cruzeiro* para a edição em livro (1882). No rodapé do jornal, o versículo vinha assim: “10. – Enquanto o lobo e o cordeiro, que durante os dias do dilúvio, tinham vivido na mais doce concórdia, ouvindo o rumor das vozes, vieram espreitar a briga dos dous irmãos, *estendendo o focinho sobre as patas dianteiras*[.]” (grifo nosso)

A alteração introduzida foi decisiva: traços distintivos dos animais foram removidos – “focinho” e “patas dianteiras” –, e substituídos por atividade cerebral própria de seres racionais – “começaram a vigiar-se um ao outro” –, resultante de desconfiança surgida em decorrência do comportamento “irracional” dos filhos de Noé. Qualidades racionais são atribuídas a animais em oposição a uma progressiva “animalização” dos seres humanos, que já havia dado sinais de si, e que se aprofundará ao longo do texto, conforme ainda veremos – e de tal modo que o individualismo do ser humano fica intimamente associado a esse processo.

Dos filhos de Noé, Cham é o que aparece como moderador do conflito. No versículo anterior àquele em que aparecem o lobo e o cordeiro, ele se apresenta como mediador – literalmente no meio – no desentendimento entre os outros dois irmãos. O tratamento dado à imagem realiza visualmente a ideia da mediação.

Nos dois parágrafos que se seguem à fórmula alegórica do lobo e do cordeiro, Cham expõe sua “ideia maravilhosa, que há de acomodar tudo”: “Sacrificarei pois a terra que me couber ao lado de meu pai, e *ficarei com o rio e as duas margens*, dando-me vós uns vinte côvados cada um” (B,11 – grifo nosso). Não seria excessivo lembrar que a fábula do lobo e do cordeiro, que remonta a Esopo, traz os dois animais à margem de um curso d’água.

Com a aparência de conciliadora, a proposta de Cham é também maliciosa: ela oculta o valor da água – elemento necessário aos dois outros irmãos, para o cultivo de suas terras. Cham é lobo e cordeiro ao mesmo tempo. Fica aí um verso, em meio a nossa prosa. Em outras palavras: Cham não é feito de matéria distinta da de seus irmãos.

Depois do dilúvio, como que arrependido, disse Deus lá consigo (Gn 8,21): “Não amaldiçoarei mais a terra por causa dos homens: porque o sentido, e o pensamento do coração do homem são inclinados para o mal dès da sua mocidade. Não tornarei pois a ferir vivente algum, como fiz.” Inacreditável esquecimento este! o Senhor esquecer-se da natureza que dera ao homem! e assim, plantar dentro da arca os males que desejava punir! Exemplarmente estavam lá o lobo e o cordeiro.

Consoante à suposta “ilusão” de Deus, de que o dilúvio purificaria a humanidade, Machado de Assis compôs e publicou em *Crisálidas* um poema – “O dilúvio” –, do qual transcrevemos três estrofes:

Só, como a ideia única
De um mundo que se acaba,
Erma, boiava intrépida,
A arca de Noé;
Pura das velhas nódoas
De tudo o que desaba,
Leva no seio incólumes
A virgindade e a fé.

Lá vai! Que um vento alígero,
Entre os contrários ventos,
Ao lenho calmo e impávido
Abre caminho além...
Lá vai! Em torno angústias,
Clamores e lamentos;
Dentro a esperança, os cânticos,
A calma, a paz e o bem.

Cheio de amor, solícito,
O olhar da divindade,
Vela os escapos naufragos
Da imensa aluvião.
Assim, por sobre o túmulo
Da extinta humanidade
Salva-se um berço: o vínculo
Da nova criação.

Como se vê, a ideia central é a de que no interior da arca não penetrou o mal; nela só haveria “a calma, a paz e o bem.” Já em “Na arca”, a questão é colocada em termos mais “pessimistas” – se é que o pessimismo não implica a prevalência de um dos polos do pensamento dialético.

A proposta de Cham, feita aos irmãos, não foi acatada por eles. Ele, então, retira-se, vai ao encontro do pai e das mulheres dos irmãos – em busca de auxílio. Enquanto isso, sobe novamente a temperatura: e além da pontuação, há algo notável que ocorre nos versículos B,16-17. Sem diz, irado, a Japhet (sem que a fala seja sinalizada por travessão): “Não te cedo nada, gatuno!” Eis o versículo seguinte: “17. – Ao que Japhet retorquiu irado: ‘gatuno és tu!’”

Não é apenas a ausência do travessão que marca a réplica de Japhet; a inicial minúscula em “gatuno”, palavra que inicia sua frase, é significativa, relevante: ela é como que trazida da fala do antagonista – e vem, digamos, em trajes menores, com a roupa que trazia na ocasião. Como todas as outras irregularidades que vimos assinalando, essa inicial minúscula poderia ser um erro tipográfico; porém, somados todos os equívocos, seriam equívocos demais em texto tão breve – o número deles é suficiente para estropear qualquer texto. E, embora o autor tenha corrigido essa passagem, que era diferente (do que é no livro) em *O Cruzeiro* (1878), ele nem tocou na inicial minúscula! É compreensível que o editor desse escrito machadiano tenda a corrigir a inicial minúscula, elevando-a a maiúscula. Entretanto, entendida no contexto das oscilações não aleatórias da pontuação inicial das falas (que ocorrem em momentos em que assumem significados expressivos), parece-nos necessário respeitar o texto-base (ainda que a inicial minúscula tenha sido introduzida no texto pelo acaso).

A partir do versículo em que o lobo e o cordeiro (figuras que recebem atributos humanos) aparecem, intensifica-se a caracterização dos irmãos em litígio por meio de atributos animais – processo este associado às alterações de pontuação, que com clareza indicam momentos em que eles agem passionalmente, ou de modo irracional. Em reação à proposta de Cham (segundo a qual os dois lhe cederiam o rio e suas margens), Japhet imita “o silvo da serpente” (B,13); ao lutarem fisicamente, eles suam e bufam “como touros” (B,20); e Japhet diz que Sem o feriu com suas “unhas de tigre” (C,19). Além disso, há no texto certas escolhas vocabulares relacionadas a animais: ambos se agridem verbalmente, chamando um ao outro de “gatuno” (B,16-17), e ambos lutavam com “os dentes e as unhas”. E, ainda, há palavras depreciativas usadas na caracterização deles: “beiços” (B,21) e “cara” (C,2; C,18 e C,19). Tudo isso é desenvolvimento de um sistema de significações, cujo primeiro vestígio estava em “bugiar” (A,17). O resultado é a animalização dos indivíduos, quando sob o domínio de forças irracionais.

Quando deixados a sós por Cham, que foi ter com o pai, Sem e Japhet partem para o confronto físico (a partir de B,16), “e a arca estremecia como se de novo se houvessem aberto as cataratas do céu” (B,22). Esse momento coincide com a precipitação com que Sem se chega a seu pai, e então lhe diz palavras que o pai não entende – palavras precedidas, diga-se, apenas de aspas (sem o travessão). Quando recobra o entendimento, Sem lhe pede que vá em socorro dos irmãos, e então sua fala já vem precedida do travessão. E Noé lhe diz: – “Vamos.”⁴ (B,24).

* * *

IV Capítulo C

O terceiro capítulo começa com os irmãos atacadados, e com a chegada de Noé e das duas mulheres (de Sem e de Japhet). Sem, imobilizado pelo irmão, grita (sem o travessão que precede a fala): “Larga-me, larga-me.” (C,3) As duas mulheres, aflitas diante da cena, indagam (também sem o travessão): “O que será de nós? A maldição caiu sobre nós e nossos maridos.” (C,4)

O próprio Noé se contamina da tensão que está no ar; suas falas – a primeira dirigida às mulheres, ordenando-lhes que se calem (C,5); e a segunda aos filhos, para que cessem a luta (C,6-7) – também vêm sem o travessão inicial. Ainda no versículo C,12, Noé está transtornado (o que se sabe pela pontuação, que não traz o travessão): “Ora, pois, quero saber o motivo da briga.”

Na resposta atropelada de Japhet, se há travessão, é o sinal protocolar do início do versículo C,14; não se trata, propriamente, de sinalização de início de fala. Ele faz acusações contra Sem, para justificar seu destempero. Ao voltar-se para Sem, Noé ainda está transtornado. Sem, por sua vez, enquanto o irmão falava, já se havia recomposto; sua fala já traz o travessão e as aspas convencionais desses capítulos do *Gênesis* – é que ele quer convencer o pai de que a razão está do seu lado.

Na fala de Japhet (C,14-15), há um diálogo entre ele e Sem, que é relatado a Noé. Portanto, Japhet, além de personagem que fala em nome próprio, torna-se momentaneamente “narrador”. Tal é a sua confusão, que na fala de Sem, citada por ele, também não há travessão.

No versículo C,22, Noé recupera a voz de autoridade e sua fala inclui isto: “antes de descer a arca, não quero nenhum ajuste a respeito do lugar em que levantareis as tendas.” Observe-se o “antes de descer a arca” – sinal de que depois de haverem baixado as águas do dilúvio, a aventura antediluviana pode recomeçar. Os conflitos da história humana, os sistemas econômicos modernos estão como que previstos aí – a

⁴ Economizamos aqui – para evitar aspas sobre aspas, e para não reduzir aspas duplas muito relevantes a aspas simples – economizamos aqui as aspas a que estaríamos obrigados por ser o trecho citado.

cena narrada, do embate entre os irmãos ocorrido no interior da arca, funciona como uma espécie de alegoria do mundo contemporâneo, com o individualismo excessivo, a má distribuição de riquezas, as guerras por questões de limites... O ponto de vista de Noé fica bem próximo do ponto de vista de Deus, expresso em Gn 8,21 – já citado.

Justifica-se assim o versículo C,24 – “Depois ficou meditando.” –, em que, supostamente, por sua intimidade com Deus, Noé antevê o futuro, em fala que os filhos não puderam entender: 26. – “Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?”

Estava em curso, naquele ano (1878), uma das muitas guerras russo-turcas por questões de limites; a Rússia, desde o século XVI, em sucessivas guerras com a Turquia, vinha avançando em direção ao mar Negro e ao Mediterrâneo, expandindo seu território e sua zona de influência. Machado de Assis, sempre atento à miúda e à grande história, não deixou de fazer desse experimento literário uma alegoria do processo histórico em que ele próprio, assim como seu tempo, estava mergulhado.

“A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo.”

THE LABYRINTH OF MEANING

IN “NA ARCA”, BY MACHADO DE ASSIS

Abstract: *This paper analyzes two aspects of the text “Na arca”, published in Papéis avulsos (1882) by Machado de Assis. The punctuation used to mark the beginning of the characters’ speeches in the text is examined in its relations of meaning with the behavior of the characters and with the text as a whole. Associated with the punctuation, the images of animals and the lexical choices linked to them for the representation of the characters are also examined.*

Keywords: *Brazilian literature; short story; Machado de Assis; “Na arca”.*

Referências

A BÍBLIA sagrada, contendo o velho e o novo Testamento; traduzida em português segundo a vulgata latina, por Antônio Pereira de Figueiredo. Londres: Oficina de Harrison e Filhos, 1866.

Disponível em:

<<https://archive.org/details/bibliasagradacon00figu/page/6/mode/2up?view=theater>>.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882.

ASSIS, Machado de. Na arca. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 8, n. 15, [ainda sem numeração das páginas], jan.-jun. 2025. Publicação antecipada disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/40989/27720>>.

GLEDSOON, John. Prefácio. *Papéis avulsos*, um livro brasileiro? In: ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p. 7-32.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís. (Org.) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. p. 21-90.

VIEIRA, Antônio. Sermão da Terceira Domingo da Quaresma. Pregado na Capela Real, no ano de 1655. In: *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1959. t. III. p. 171-215.